



Jornalismo literário na Famecos

O debate em torno do jornalismo literário tem se intensificado em universidades ao redor do mundo. O gênero provoca curiosidade nas pessoas. Provoca sensações distintas quanto ao seu uso, seus conceitos, seu ensino e seu texto. Muitos pensam se tratar de um jornalismo sobre literatura. Não é. Outras acreditam que os textos que integram o gênero fazem parte do universo do romance, disfarçado de jornalismo. Não, não é. Alguns suspeitam que o jornalismo literário simplesmente não exista, que seja apenas um texto longo sobre algo que não interessa muito ao grande público leitor do jornalismo informativo. Não, não é. E ainda há os que julgam o jornalismo literário como uma narrativa puramente ficcional. Também não é. O jornalismo literário se ocupa de informação com amplitude. Trata-se de uma narrativa que procura ir além dos fatos. O jornalismo literário amplia a verdade.

Para fortalecer as discussões sobre jornalismo literário, há 11 anos um grupo de jornalistas decidiu criar a Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS). Dispersos entre os Estados Unidos e a Europa, esses profissionais – todos professores de universidades importantes em seus países – organizaram o primeiro encontro mundial em Nancy, na França, em 2006. De lá para cá, as conferências se realizaram em Paris (2007), Lisboa (2008), Chicago (2009), Londres (2010), Bruxelas (2011), Toronto (2012), Tampere, na Finlândia (2013), Paris (2014) e Minneapolis (2015). Em maio deste ano, a Famecos sediou a 11ª Conferência da Associação. Sob o título *Literary Journalism: Telling the Untold Stories*, a IALJS reuniu no prédio 7 da PUCRS cerca de 60 professores de meia centena de universidades de 17 países, em dois dias e meio de discussões. Uma experiência incrível para quem gosta de jornalismo em geral, e de jornalismo literário, em particular.

Dada a relevância do encontro, a Revista Famecos decidiu lançar um número especial, contendo oito artigos apresentados no evento e de importante repercussão. Com a ajuda da Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS), foram selecionados os textos que compõem esta edição.

Sobre o conteúdo, podemos antecipar que o leitor que ler o conjunto de estudos aqui reunido vai se dar conta da organicidade dos mesmos. Alice Donat Trindade aborda a produção do angolano Luís Fernando, que escreve crônicas para jornais como *O País e Vida*, este último suspenso por força da censura das autoridades do país. Trindade destaca a imaginação como característica da crônica, a incluí-la no jornalismo literário, e depois de fazer uma revisão acurada da bibliografia anglófona sobre o tema, vai comentar as produções deste jovem, mas já experiente jornalista africano, a partir de produções recentes.

Segue-se outra autora portuguesa, Alice Soares, que retoma as caminhadas do contemporâneo romancista e jornalista, também português, Miguel Sousa Tavares, em duas diferentes miradas sobre o Brasil. Os textos inserem-se no jornalismo de viagem, que também é categorizado como jornalismo literário. Este jornalismo de viagem, aliás, tem larga história, começando ainda com Marco Polo e, em território lusitano, com o relato de Pero Vaz e Caminha, a respeito do descobrimento do Brasil, por exemplo. A autora aproveita para recuperar a tradição cronística de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, dentre outros, no século XIX, mostrando que desde o início da aventura da conquista colonial foram produzidos relatos que se colocam entre a historiografia, a literatura e o jornalismo, destacando a característica da primeira pessoa e a impressão subjetiva de tais relatos.

No texto de Juan Domingues, aprofunda-se este filão das narrativas de viagem e descoberta, com especial ênfase ao conjunto de textos reunido por Gomes de Brito, no século XVIII, a respeito de naufrágios sofridos por naus portuguesas nas primeiras aventuras oceânicas, ainda no século XVI. Domingues sublinha muito especialmente a tragicidade e o colorido de tais relatos, emocionados e emocionantes, que atravessaram séculos e ainda hoje atraem a todos os que os leem com atenção e imaginação.

O espanhol Juan Antonio García Galindo faz uma espécie de síntese histórica e tipológica da crônica (gênero que fica ora na literatura, ora no jornalismo), mostrando as diferenças conceituais que existem entre sua produção na Espanha e na América Latina (e nessa, cabe dizer, ainda diferenciada no caso brasileiro), para evidenciar o modo pelo qual tal produção incluiu-se historicamente num e noutro campo de produção textual, narração direta com certos elementos valorativos, em geral tendo um ponto de vista em primeira pessoa e permitindo-se certo teor de inventividade e criatividade que se somaria ao relato propriamente dito do acontecimento original que é glosado no texto.

Edvaldo Pereira Lima, por seu lado, escreve uma oportuníssima história dos estudos em torno do jornalismo literário no Brasil, a partir de sua própria

experiência, destacando figuras como a de Cremilda Medina, dentre os estudiosos, e de Euclides da Cunha, dentre os produtores de texto, mostrando como tais estudos encontraram, gradativamente, espaço na academia e hoje receberam uma plêiade de pesquisadores, fato que enriquece tais estudos e, ao mesmo tempo, provoca novas experiências e produções textuais.

Antonio Hohlfeldt segue a linha do cotejamento entre autores, mostrando a experiência de cronista de Machado de Assis, referência maior da ficção longa brasileira, mas cuja sobrevivência dependeu, durante toda a sua vida, da prática da crônica, inclusive política, em jornais da então capital do Brasil, o Rio de Janeiro, e a do romancista Almeida Garrett que, já consagrado, optou, para a divulgação de sua última obra, *Viagens na minha terra*, pela forma do folhetim, estampado em páginas de uma revista lisbonense, tentando escapar à censura de então e buscando fazer política através do texto literário divulgado em espaço jornalístico.

William Dow faz uma ampla e aprofundada exegese dos estudos em torno do jornalismo literário nos Estados Unidos, lugar em que convergem todos os autores aqui reunidos, teria nascido tal campo de estudos e ali se desenvolvido, indicando os autores de vanguarda e a maneira pela qual tais estudos encontraram sua legitimidade. Esse artigo, de certo modo, antecipa-se e complementa ao estudo de Edvaldo Pereira Lima, propiciando ao interessado um eficiente panorama a respeito de tais pesquisas.

Por fim, numa linha semelhante à de Antonio Hohlfeldt, o argentino Pablo Calvi faz um estudo a respeito dos textos de Jorge Luís Borges produzidos para o jornal *Crítica*, de Buenos Aires, nos anos 1930, mais tarde reunidos em um volume, primícias do escritor que, mais adiante, seria reconhecido como um dos mais significativos criadores do século XX. Calvi analisa e aproxima os textos de Borges a outros tantos que o teriam inspirado, mostrando que a plataforma da imprensa não fora aleatoriamente escolhida pelo escritor, então se preparando para a sua futura aventura literária.

Em síntese, pode-se dizer que este conjunto de textos, escolhidos para esta edição especial da *Revista Famecos*, faz uma bela síntese do estado da arte em que se encontram os estudos a respeito do jornalismo literário: mostram sua gênese, nos Estados Unidos (sua origem) e no Brasil; discutem a variedade de textos que podem ser incluídos na categoria do jornalismo literário e, enfim, propõem, na prática, análises comparativas entre alguns textos, evidenciando sua plasticidade e potencialidade.

Equipe editorial
Revista Famecos